

Discurso e construção da identidade social da lúpica

Nadia Regina Loureiro de Barros Lima¹

“Engraçado, acho que o que nos uniu foi a dor, né? Foi o que fez a gente estar aqui...”
(fala de uma lúpica).

1. A situacionalidade na construção discursiva: identidade, acontecimento e estrutura

“Quando meu pai morreu, a minha irmã que tem lúpus saiu do ar (...) Tempos depois eu comecei com umas dores no joelho...”
(fala de uma lúpica).

Para efeito de nosso trabalho, buscamos apreender o processo de construção de identidade de mulheres portadoras de uma afecção psicossomática, o LES, cujas formulações produzidas constituintes de um *corpus* serão lidas a partir de um instrumental teórico em que os conceitos de Discurso e Identidade constituem a chave da análise. Entendemos identidade não no seu sentido individual, mas como uma construção social, gestada a partir de práticas discursivas e, nesse sentido tratamos de discurso de identidades, se entendendo Discurso como “efeito de sentido entre locutores”(ORLANDI,2001:21) em que

“cada pessoa é membro de muitos discursos e cada Discurso representa uma de nossas múltiplas identidades”
(GEE,1990:99)

daí sermos portadoras de identidades múltiplas e contraditórias. Essa concepção de Discurso, como espaço de construção de identidades sociais corresponde ao sentido foucaultiano e, nesse sentido

“as identidades não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas

quais estão posicionados.” (MOITA LOPES,1998:8).

Esses discursos, por sua vez, não estão no vácuo, mas têm uma materialidade, e é por isso que situar historicamente de onde o Discurso está sendo dito -situacionalidade é um dos elementos básicos para a construção discursiva; para tal, urge irmos aos textos, vermos o que dizem, para que pistas linguísticas eles sinalizam, cabendo a nós, tal como Robinson Crusoe seguindo as pegadas, seguir essas pistas discursivas presentes nas formulações.

Questionada sobre o surgimento do LES, uma lúpica aponta para uma pista significativa de apreensão do sentido da doença, ao enunciar que esta foi “*uma forma de chamar a atenção [...] como se eu dissesse: Olhem pra mim, prestem atenção em mim*”, o que por sua vez, remete ao discurso psicossomático e psicanalítico. Por implicar a articulação *soma-psyche*, o discurso psicossomático suscita questionamentos vários, tanto em profissionais da área médica, como da área psíquica, consistindo, na verdade, numa atualização do antigo princípio hipocrático “*mente sã, corpo são*”, já em vigor na Grécia Antiga, lá nos idos de 460 a C. Já naquela época, Hipócrates alertava para a unidade funcional corpo-alma, sendo as doenças resultantes da desorganização dessa unidade. Através da história, essa concepção vem sofrendo modificações, até que, em 1818, foi criado o termo Psicossomática, por J.C.Heinroth. É nesse caldo cultural que, em fins do século XIX, surge a Psicanálise na clínica de Dr. Freud, buscando a compreensão da sintomatologia somática, através da investigação dos sintomas neuróticos manifestos no corpo (conversão histerica), bem como da manifestação sintomática sem simbolização - neuroses atuais: neurastenia e neurose de angústia. O que estava na base dessa investigação emergente era a idéia de

um estudo para além da anatomia, tentando-se apreender a anatomia imaginária.

Chega-se ao séc. XX com estudos sobre Psicossomática diversificados em correntes várias, podendo-se afirmar que, num balanço sobre a origem e evolução desse conceito, algumas fases podem ser identificadas e, entre essas, situada na fase atual, destacamos a leitura lacaniana; nela, a Psicossomática é vista a partir da ótica do simbólico, da lógica significante e, nesse sentido, a afecção psicossomática é caracterizada como uma espécie de “*solução para um defeito de filiação simbólica*”(GUIR,1988:24) que, em se considerando a metáfora paterna, “*no lugar do Pai, aparece a lesão (...) a filiação do Nome do Pai se transforma em filiação do órgão.*” (NAZIO,1993:67). Para essa lógica, a função paterna consiste em “*fazer um corte e de permitir metaforizar, substituir algo que falta por uma palavra*” (ETKIN,1996:26), o que, no entanto, não vem a acontecer na discursividade de portadoras de afecções psicossomáticas.

Em que ocasião e de que forma se deu o aparecimento do lúpus? No relato das enunciadas, observam-se diferentes tempos constitutivos do processo psicossomático formulado nas histórias de vida, associados ao processo da doença e de sua estrutura psíquica, remetendo assim ao discurso da Psicossomática. Na elaboração metapsicológica das afecções psicossomáticas ou lesões de órgãos, tanto Jean Guir (Dinâmica da Afecção) quanto Nazio (Esquema de apelo narcísico e do retorno antecipador) apontam para a importância de se considerar os tempos constitutivos na elaboração do processo psicossomático; nessa perspectiva, a lesão funciona como um apelo fantasístico, um grito de dor e, do ponto de vista libidinal, a lesão de órgão seria como “*a retirada da libido para o Eu como uma estagnação formal (...), a lesão de órgão como um auto-erotismo*”. (NAZIO,1993:112). Há de se considerar, portanto, a presença de acontecimentos traumáticos.

Na teoria da AD por sua vez, fala-se em acontecimento discursivo como sendo um conjunto de enunciados que interpretam um determinado evento, no caso, a emergência do LES na enunciante. Trata-se não do fato em si ocorrido na história de vida da lúpica,

mas do significado a ele atribuído, que se manifesta na discursividade; é nesse sentido que “*a realidade é constituída pela/na trama da discursividade*” (DOR-NELES,1999:158), pois é através da simbolização que a realidade passa a ter/fazer sentido, resultando até em possibilidade de modificações no passado. É é nisso que o processo analítico se fundamenta, quando, em processo de análise, alguém pode reconstruir seu passado através da narrativa de sua história; é nesse sentido que para Birman, a teoria psicanalítica, como um campo de saber, está mais aproximada da arte, como uma construção interpretativa do sujeito, uma ficção, uma “*ficção necessária para a constituição de uma prática de subjetivação.*” (BIRMAN, 1994:712). Continuando nessa linha de raciocínio, Kehl acrescenta que

“*o trabalho do psicanalista não consiste em descobrir uma verdade pré-existente sobre o sujeito e comunicá-la, mas em possibilitar que ele construa uma história nova para si mesmo - o que me lembra a frase de uma analisanda [...] ‘Nunca é tarde para se ter uma infância feliz..’*” (KEHL,1996:198).

É na discursividade, pois, que o acontecimento adquire sentido, e se nota como a doença é produzida a partir de acontecimentos ancorados na estrutura (edípica) que, na lógica significante, se refere ao processo de subjetivação, fruto do entrelaçamento dos registros RSI (Real-Simbólico-Imaginário).

2. As práticas discursivas como discurso do Outro: a questão da alteridade

“O desejo do homem é o desejo do Outro.”
(Lacan,1998 (1960):829)

“[...] como pessoas somos sempre outros, sempre essencialmente segundas pessoas.”
(Shotter,1989:143)

Se a situacionalidade constitui um elemento básico para a construção discursiva, um segundo elemento diz respeito à alteridade, ou seja, como a identidade é constituída a partir do discurso do outro, mais precisamente, das práticas discursivas.

Como seres humanos, somos sempre seres de desejo, do desejo do Outro, que nos antecede e que sempre está a reger nossa caminhada, mesmo que disso não venhamos a saber. *Che Vuoi?* Essa questão está no *Diabo amoroso*, romance de Jacques Cazotte, que Lacan trabalha no seu seminário sobre *O Desejo e sua Interpretação* (1958-1959), através de um grafo que tem a forma de uma interrogação, aponta para a incessante busca humana de respostas, diante do enigma existencial do desejo. Pois bem, se Lacan faz uso do *Che Vuoi?* para dizer que o desejo é sempre desejo do Outro e, quando faz isso, está remetendo para o nosso assujeitamento à ordem simbólica, em outros campos de saberes isso também é dito e reconhecido, como é o caso das ciências sociais e, mais precisamente, dos estudos sobre identidade, que reconhecem a nós, humanos, sempre outros, como “*segundas pessoas*”. É calcada nessa premissa que a AD, área de conhecimento das ciências humanas e campo de saber de entremeio (ORLANDI, 2001), trabalha a identidade, sob a óptica de discursos de identidades, a partir de um enfoque interdisciplinar.

Considerando essa presença do outro no processo de construção identitária, para que pistas discursivas o texto das lúpicas nos aponta?

Na recuperação da história de vida, acontecimentos traumáticos se fazem presentes no texto das enunciadoras e são simbolizados, tornando-se assim acontecimentos discursivos; na construção identitária, discursos vários - alteridade - vão se entrecruzar, destacando-se, entre eles, o patriarcal e o religioso, ambos presentes na estrutura familiar e que remetem para a posição de gênero, no qual as mulheres estão posicionadas na relação social. Enquanto participantes discursivas, se posicionam a si próprias e aos outros, definindo sua identidade de gênero, que vai aparecer, por exemplo, na relação conjugal; nessa, mesmo quando os maridos não lhes correspondem às expectativas, assim mesmo permanecem na relação, diante da “*sociedade (que) não vê com bons olhos uma mulher separada*”. Ao recuperar discursivamente a emergência do LES, relacionando-o com fatos ocorrentes na relação conjugal, as enunciadoras remetem sua postura para o discurso patriarcal, que se faz

presente ora através das falas das mães, das avós, que lhes dizem “*mulher sepa-rada... nunca*”; ora, através dessas falas introjetadas, como no texto em que, mesmo reconhecendo que estava sendo agredida fisicamente pelo marido, ao pensar em se separar, enuncia que

“*se sentia culpada, não está certo sair, se saísse, estaria sendo egoísta, ele está precisando de mim...*”

Esse traço psíquico de cuidar faz parte do conceito conhecido como feminilidade (FREUD, 1933/1932) e é construído pelo discurso patriarcal, inculcado desde a mais tenra idade em meninos e meninas, mais tarde se tornando como que natural. A relevância do discurso social, sobre o que seja o adequado para homens e mulheres atua como mediação no processo experiencial e é estruturante ao processo de subjetivação. A identidade de gênero, portanto, é construção decorrente de um discurso social, que tende a criar desigualdades onde anteriormente há diferenças. Isso ocorre comumente com a identidade feminina que, construída a partir de um discurso social para atender às necessidades e mitos de uma sociedade, faz com que a subjetividade das mulheres seja identificada com a subordinação. É nesse sentido que se fala de uma “*natureza feminina*” e que, no texto das enunciadoras, se faz presente, entre outras modalidades, através da “*vaidade*”, “*porque mulher pensa em beleza o tempo todo (...) mulher é muito vaidosa*”; isso, por sua vez, remete a um eixo temático psicanalítico fundamental: a elaboração metapsicológica dos fenômenos psicossomáticos - a teoria do narcisismo (FREUD, 1914). Nas falas das lúpicas, é marcante o constrangimento nelas suscitado pela imagem deformada do corpo, o que as leva a serem designadas (vistas pelo outro) através da lesão; esta acaba designando ali, onde não há outro elemento para fazê-lo, uma espécie de identidade entre o sujeito e a afecção, “*um monstro, é assim que as pessoas vêem a gente*.”

Diante das práticas discursivas que atravessam a fala das lúpicas e representam o outro discursivo constituinte de identidades - a alteridade - detecta-se por onde passam as pistas linguísticas, construtoras identitárias,

entrecruzando discursos médico, patriarcal, religioso, entre outros. Desse entrecruzamento, traços identitários se fazem presentes no texto, assumindo formas estigmatizantes, mórbidas e gendradamente desiguais. Ao buscar um sentido para a doença, a morbidez parece estar sempre presente, como efeito do saber médico que, por vezes, lhes passa um desejo de não serem portadores da doença, (“*ainda bem que você não tem lúpus*”); outro sentido advém do saber religioso, quando associa dor e doença, sendo esta apreendida como uma condição “*para o não sofrer na outra vida*” e que “*Deus dá o frio conforme o cobertor*”. O sentido da doença é, pois, efeito de ambas as práticas discursivas, em que a dor funciona como um elo de convergência identitário.

“[...]”

– *Como é que é? Hein? Você se dói?*

– *Eu me dão o tempo todo.*

– *Aonde?*

– *Dentro, não sei explicar”.*

Clarice Lispector, “*A Hora da Estrela*”

Outro traço identitário presente nas formulações enunciadas provém da relação de gênero, cujo sentido é efeito do discurso patriarcal, mais precisamente presente nas relações familiares e religiosas e que reserva

às mulheres/ao feminino uma posição socialmente desigual, sobretudo no que se refere à moral sexual. A dor do corpo, mas também a dor psíquica, acabam sendo o elo identitário das lúpicas - “*o que nos uniu foi a dor*” - enunciado que corrobora o sentido de identidade como construído na relação, algo que está muito mais para um “*tornar-se a ser*”, do que para um ser. Daí o sentido da reconstrução identitária e da Identidade como construção social discursiva.

Ora, se as identidades são efeitos sociais de discursos, a partir dos quais são construídas, também podem ser reconstruídas, revertendo-se práticas discursivas que nos posicionam desigualmente, e isso porque somos capazes de atuar como agentes, através dos contra-discursos, construindo o mundo a partir de outras bases discursivas, outros significados. É nesse sentido que tanto é possível aos humanos construir uma “*infância feliz*”, como reconstruir uma relação existencial, atribuindo um novo sentido à vida. É disso que também falam as lúpicas, ao mencionarem os efeitos das práticas discursivas grupoterápicas, lhes propiciando “*um novo sentido à vida*”:

“*Agora me sinto mais segura, não estou mais pensando que vou morrer logo, que vou ser a próxima vítima.*”

Bibliografia

Birman, Joel (1994). "Um futuro para a Psicanálise". *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.27, n.4, p.705-738.

Etkin, Gustavo E.(1996) *Uma introdução a Lacan - o real e a metáfora paterna*. Salvador, Ba: Mátthesis.

Freud, S. "Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)". In: *Obras Completas*, v. XIV. Tradução de Jayme Salomão. RJ.:Imago.

----- *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise(1933/1932).XXXIII – Feminilidade*. Ibidem v. XXII.

Gee, J.P. "Identity as an analytic lens for research in education".(1990). *Review of Research in Education*. v.25, p.99-125.Bristol: The Falmer Press.

Guir, Jean.(1988). *A Psicossomática na clínica lacaniana*. R.J.: Jorge Zahar.

Kehl, M Rita.(1996) *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. R.J.: Imago.

Lacan, Jacques. "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano".(1998) In: *Escritos*. R.J.: Jorge Zahar, p.793-842.

----- *O Desejo e sua Interpretação*,1958-1959. (2002) Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Lispector, Clarisse, *A hora da estrela*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

Moita Lopes, L.P. (org.) (2003). *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

----- "Discursos de Identidade em sala de aula de leitura: a construção da diferença". In: Signorini, I.(org) *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras,1998.

Nazio, J.-D. (1993). *Psicossomática -as formações do objeto*. RJ.:Jorge Zahar.

Orlandi, E. (2001) "A Escrita da Análise de Discurso". In: ORLANDI, E. *Discurso e Texto, formulação e circulação dos sentidos*.Campinas, SP: Pontes, p.31-57.

----- (2001). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. - Campinas, SP.: Pontes.

Signorini,I. (org.) (1998). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras.

Volicch, R.M.(1998) *Psicossomática: de Hipócrates à Psicanálise*. SP: Casa do Psicólogo.

¹ Universidade Federal de Alagoas.